

## Processos Morfológicos Marginais no PB: Truncamento e Reduplicação

Gabriel Antunes de Araújo\*

Vrije Universiteit Amsterdam

O objetivo deste artigo é investigar os fenômenos de truncamento e reduplicação no Português Brasileiro (PB). Truncamento é o processo no qual uma palavra é reduzida sem perda de valor semântico. Defenderei que há uma tendência da forma truncada ser dissilábica, além do fato de o acento secundário representar papel crucial no processo. Já a formação de palavras por reduplicação ocorre quando uma parte (ou o todo) de uma seqüência fonológica é repetida resultando em uma nova informação morfológica. Apesar da variedade de formas que esse processo engloba (cf. Couto 1999), centrar-me-ei apenas no processo de reduplicação total VERBO<sub>x</sub>-VERBO<sub>x</sub>. Mostrarei que ambos os processos são regulares e previsíveis. No entanto, apesar de os dois processos resultarem em novos substantivos, as formas derivadas da reduplicação se comportam de maneira distinta em relação às regras morfofonológicas em geral, enquanto os truncamentos são acessíveis à morfologia do nome. A contribuição do texto, portanto, é mostrar como funcionam os mecanismos ativos nesses processos. Ao mesmo tempo, pretendo assinalar uma tendência a favor de sílabas abertas e pés binários dissilábicos no PB, fornecendo, portanto, evidências para a teoria da Emergência do Não-marcado.

Os principais processos morfológicos no Português são concatenativos, isto é, um elemento (prefixal, sufixal) é ligado linearmente a uma raiz a fim de se formar um novo item lexical. Uma série de outros processos morfológicos, apesar de marginais, são produtivos em Português, sobretudo no Português Brasileiro. Araújo (2001) tem denominado esses processos como morfologias não-lineares (ou não-concatenativas). Entende-se por não-linear a ausência de encadeamento. O encadeamento é substituído por supressão de elementos (*truncamento*, como em *cerveja*: *cérva*, *refrigerante*: *refrã*), cópia total ou parcial da base (*reduplicação*, como em *mata-mata*, *pega-pega*); sobreposição ou amalgamento (*blending ou portmanteaux*, por exemplo *pilantra+filantropia*: *pilantropia*, *gelo+louco*: *gelouco*), entre outros. Ou ainda, a partir de sílabas/letras iniciais forma-se uma nova palavra como em *Faculdade de Engenharia Civil*: *FEC* ['fekɪ]. Araújo (2001) analisa a formação de palavras *portmanteau*. Dando seqüência àquela linha de trabalho,

---

Um trecho desse artigo foi apresentado no *Colóquio Acento no Português*, realizado no dia 22 de outubro de 1999 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Gostaria de agradecer a Seung Hwa-Lee, Leonardo Couto, Rosa Attié Figueira, Filomena Sândalo e aos participantes do *Colóquio* por valiosos comentários e sugestões. Agradeço também a Leo Wetzels, Demerval da Hora e especialmente a Seung Hwa-Lee pela revisão e comentários finais. Essas pessoas, no entanto, não devem ser penalizadas pelos erros remanescentes. Endereço para correspondência: gaabr@hotmail.com

*Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2002, pp. 39-51

este artigo pretende analisar outros dois processos de formação de palavras no Português Brasileiro, o truncamento e a reduplicação.

O processo de formação de palavras por truncamento se caracteriza pela redução de uma palavra-matriz sem perda de valor semântico<sup>1</sup>. A redução envolve perda de material segmental, em geral, silábico, que ocorre no limite direito da palavra. Para que o truncamento se aplique, a palavra-matriz deve possuir no mínimo três sílabas. A forma truncada e a palavra-matriz devem ser semântica e pragmaticamente intercambiáveis, ou seja, uma forma pode ser substituída pela outra sem que haja perda de sentido. Além disso, a palavra truncada geralmente possui duas sílabas, embora haja casos de truncamentos de três sílabas. Os exemplos nesse texto são do Português Brasileiro, sobretudo dos dialetos paulista e mineiro, exceto quando houver menção em contrário<sup>2</sup>.

(1) Cerveja: cerva<sup>3</sup>

Vou comprar uma cerveja./Vou comprar uma cerva.

Refrigerante: refrí

O preço do refrigerante aumentou de novo/O preço do refrí aumentou de novo.

A definição acima permite identificar os dados em (2) como pseudo-truncamentos (palavras que têm sido tratadas como truncamento, porém não se enquadram nas generalizações acima). Os pseudo-truncamentos podem entrar na língua via empréstimo direto, em geral, já truncadas nas línguas de origem, como é o caso de (2a). Um terceiro caso, mais extremo, ocorre quando o falante é incapaz de rastrear a palavra-matriz que gerou o pseudo-truncamento, como em (2b). Nesse caso, a palavra *deprê* permite que mais de uma palavra-matriz atue como base. Isso não se dá com os truncamentos verdadeiros, cujas palavras-matrizes são unívocas, rastreáveis e intercambiáveis. No Português Europeu, no entanto, o dado em (2a) é gramatical, embora a forma truncada de *metropolitano* seja *métro* e não *metrô*, como no Brasil (essa questão será tratada adiante). A palavra *deprê* (b) é permutável com *depressão* e *deprimida*, ou seja, *deprê* não pode ser truncamento de *depressão* porque também pode ser forma truncada de *deprimida* (2b), não sendo, portanto, um caso de truncamento<sup>4</sup>.

(2) (a) *metropolitano* → ?*metrô*

Perdi o *metrô* por alguns instantes.

\*Perdi o *metropolitano* por alguns instantes.

<sup>1</sup> Restringir-me-ei à formação estrutural das morfologias não-concatenativas, deixando de lado o aspecto semântico.

<sup>2</sup> Como será mostrado adiante, a diferença dialetal representa um papel relevante na formação de truncamento.

<sup>3</sup> Sempre que possível evitarei transcrições fonéticas. Quando necessário, marcarei a posição do acento com um agudo.

<sup>4</sup> Seung Hwa-Lee argumenta que a agramaticalidade do terceiro exemplo de 4b é previsível e que, além disso, pode-se defender que no caso da palavra *deprê* há duas palavras-fonte possíveis.

(b) deprê → depressão, ?deprimido

A *deprê* do João contagiou os colegas na empresa.

A *depressão* do João contagiou os colegas na empresa.

\*A *deprimida* do João contagiou os colegas na empresa.

Há, ainda, os pseudo-truncamentos derivados de afixos cultos (de origem greco-latina, germânica, etc) ou de palavras com estrutura de afixo, nas quais o elemento de composição, como por exemplo *eletro* (em *eletrocardiograma*) etc., é identificado e usado metonimicamente. A palavra-matriz será recuperável contextualmente. Vigário (2000: 587) aponta que no Português Europeu palavras formadas por composição morfológica, através da concatenação de radicais apresentam dois comportamentos fonológicos distintos: (3a) podem não se distinguir fonologicamente de palavras simples; ou (3b) podem apresentar propriedades fonológicas indiciadoras de que cada unidade contendo um radical corresponde a uma palavra prosódica. As generalizações de Vigário se aplicam igualmente ao PB.

(3) (a) telégrafo, fotografia, biólogo

(b) minissaia, minidicionário, etc

microcomputador, microscópio, etc

foto-condutor, fotocélula, etc

gastrologia, gastrocentro, etc

*míni*

*micro*

*foto*

*gastro*

Os processos de truncamento têm sido, via de regra, tratados pela literatura como aleatórios e imprevisíveis<sup>5</sup>. A falta de uma demarcação precisa entre o truncamento e os pseudo-truncamentos têm garantido a manutenção da imprecisão nas descrições do fenômeno. Portanto mostrarei que o processo morfológico de truncamento é previsível e obedece a mecanismos possíveis de formação de palavras da língua, não sendo, por conseguinte, arbitrário ou resultado da rapidez da fala em contextos coloquiais. Além disso, o processo é amplamente atestado no Português Brasileiro, inclusive na fala de crianças (Rosa Attié Figueira, comunicação pessoal), como por exemplo *palhaço* → *palha*, *pisquina* → *pisça*.

É possível afirmar que haja um padrão na formação do truncamento. A regularidade se mostra no fato de que há a redução de uma palavra-matriz (com, no mínimo, três sílabas) para uma palavra-truncada (geralmente com duas sílabas). Essa redução privilegia um dos limites da palavra-matriz. Entretanto, a posição do acento no truncamento é variada, pois há truncamentos cujo acento recai na penúltima ou na última sílaba. É necessário estabelecer, provisoriamente, dois tipos de truncamentos. No grupo (4i) estão as palavras truncadas a partir de palavras-matrizes com três sílabas e acento na penúltima sílaba, o que implica que a palavra-matriz não possui acento secundário. No grupo (4ii) estão as palavras com três ou mais sílabas e acento secundário.

<sup>5</sup> Cf. Cunha 1990, Alves 1990, Sandmann 1991, Monteiro 1991, Kehdi 1992, Basílio 1995, e, em Portugal, Rio-Torto 1998.

(4) (i) cerveja	→	<i>cérva</i> <sup>6</sup>
neurose	→	<i>nêura</i>
flagrante	→	<i>flágra</i>
(ii) professor	→	<i>prófi</i>
bijuteria	→	<i>bijú</i>
refrigerante	→	<i>refrí</i>

Nas palavras trissilábicas com acento na penúltima, que não possuem acento secundário, invariavelmente formam-se truncamentos com duas sílabas e acento na penúltima sílaba. Como a maioria das formas truncadas provém de palavras com três ou mais sílabas, a relevância da posição do acento secundário torna-se crucial. No entanto, a questão do acento secundário em PB é controversa. Abaurre et al. (1997:132) sugerem que *a questão da atribuição do acento secundário (...) é essencialmente rítmica*. Basicamente, Lee (1992) assume que o acento secundário do PB ocorre em intervalos regulares a cada duas sílabas a partir do acento primário, sendo necessário postular adicionalmente uma regra de opcionalidade do pé degenerado e uma outra de desacentuação. Por outro lado, há também palavras que possuem acento secundário não-iterativo, embora há variação com formas cujo acento secundário é iterativo como em *co<sup>2</sup> pa ca ba<sup>1</sup> na* e *co pa<sup>2</sup> ca ba<sup>1</sup> na* e *pi<sup>2</sup> ra ci ca<sup>1</sup> ba* e *pi ra<sup>2</sup> ci ca<sup>1</sup> ba*. Pode-se argumentar que essas palavras são segmentadas pelo falante nativo como um composto, por exemplo, *copa+cabana*, e, portanto, a aplicação do acento considera duas palavras ao invés de uma. Sendo assim, os acentos primários de cada componente são mantidos (conforme as previsões de Collischonn 1996:50). Entretanto, acredito que além da função rítmica, a gramática da língua faz uso do acento secundário, quando disponível, na formação de truncamentos. A hipótese é testada com pares mínimos truncados cuja distinção é fundamentada unicamente na posição do acento secundário, em (5). A variação dialetal implica na diferença das formas truncadas. Os exemplos em (i) são da variante paulista, enquanto (ii) exemplificam a variante paraense.

(5) exposição	(i)	<sup>2</sup> ex po si <sup>1</sup> ção	éxpo	[ <sup>1</sup> ɛspo]
	(ii)	ex <sup>2</sup> po si <sup>1</sup> ção	expô	[es <sup>1</sup> po]
Kilimanjaro <sup>7</sup>	(i)	<sup>2</sup> ki li man <sup>1</sup> já ro	kíli	[ <sup>1</sup> kili]
	(ii)	ki <sup>2</sup> li man <sup>1</sup> já ro	kilí	[ki <sup>1</sup> li]
refrigerante	(i)	re <sup>2</sup> fri ge <sup>1</sup> ran te	refrí	[hɛ <sup>1</sup> fri]
	(ii)	<sup>2</sup> re fri ge <sup>1</sup> ran te	réfri	[ <sup>1</sup> hɛfri]

A posição do acento secundário também é responsável pela diferença crucial entre as formas *prófi* e *profí*, derivadas respectivamente de *professor* e *profissional*.

<sup>6</sup> Não tratarei das alterações entre as vogais médias porque são irrelevantes aqui. Wetzels (1992, 1995) discute essas alternâncias.

<sup>7</sup> Kilimanjaro é o nome de um restaurante na cidade de Campinas, cujo nome foi baseado na montanha africana. Os diferentes truncamentos espelham variedades dialetais de dois informantes.

(6) <sup>2</sup>pro fe <sup>1</sup>ssor      prófi  
       pro <sup>2</sup>fi ssi o <sup>1</sup>nal    profí

Entretanto, a alocação da posição do acento secundário não é o único fator na formação de truncamento. Uma série de condições devem se aplicar: (i) a palavra-matriz deve ter três ou mais sílabas; (ii) contando-se da esquerda para a direita, seleciona-se as duas primeiras sílabas da palavra e elimina-se as restantes:  $\sigma_1 \sigma_2 \sigma_3 \sigma_4 \sigma_5 \sigma_6 \dots \rightarrow \sigma_1 \sigma_2$ ; (iii) as condições fonotáticas da língua devem ser respeitadas<sup>8</sup>; (iv) o acento deve ser atribuído à sílaba que guardava acento secundário na palavra-matriz. Se não houver acento secundário, acentua a penúltima sílaba.

Em (7) e (8), as condições apresentadas acima são testadas. Em (7), a condição (iii) não se aplica, enquanto em (8), a condição (iv) é crucial para diferenciar o par professor/profissional.

(7) truncamento:      *refrigerante*    →    ?  
       condição (i):      satisfeita, ou seja, a palavra possui mais de três sílabas  
       condição (ii):     resulta em      →     $\sigma_1(\text{re})\sigma_2(\text{fri})$   
       condição (iii):    não se aplica  
       condição (iv):    acento secundário: re <sup>2</sup>fri ge ran te → fri  
       resultado:         *refrigerante*    →    refri [hɛ'fri]

Os truncamentos gerados pelas bases *professor* e *profissional* destacam a importância do papel do acento secundário:

(9) truncamento:    professor → ?  
                           profissional → ?  
       condições (i-iii): satisfeitas de maneira idêntica  
       condição iv:     acento secundário:  
                           <sup>2</sup>professor      →      *pro*  
                           pro<sup>2</sup>fissional    →      *fi*  
       resultado:      *professor*      →      *prófe*<sup>9</sup> ['prɛ.fi]  
                           *profissional*    →      *profí* [pro.'fi]

Desconsiderar o papel do acento secundário na formação de truncamentos criará um problema: como explicar a existência de pares mínimos e a posição do acento primário nas palavras truncadas em geral?

Uma segunda classe de truncamentos engloba as formas truncadas trissilábicas. Embora menos comuns do que os truncamentos dissilábicos, os trissilábicos regularmente possuem acento na penúltima sílaba e a tendência para preservar a raiz da palavra-

<sup>8</sup> Basicamente, essa condição bane sílabas com codas proibidas, etc.

<sup>9</sup> No final de palavra, no PB, vogais médias [e, o] átonas finais são alçadas para [i, u] respectivamente.

-matriz. A necessidade de manter a especificação lexical força o truncamento, permitindo a violação da condição segundo a qual o truncamento deve manter apenas as duas sílabas à esquerda da palavra-base. A manutenção da base fica evidenciada pela terminação uniforme desse tipo de truncamento, ou seja, a vogal final é sempre /a/. De uma maneira geral, é uma condição fonotática da língua, a saber, a proibição de codas complexas e/ou obstruintes, que leva à epêntese da vogal. Diante dos dados em (10), deve-se incluir uma outra condição que garanta fidelidade ao conteúdo lexical da palavra-matriz, não situações em que a condição de alinhamento à esquerda falhe em aplicar.

(10) palavra-matriz	truncamento	sufixo eliminado
delegado	<i>delɛga</i>	-ado
português	<i>portúga</i>	-ês
responsabilidade	<i>respónsa</i>	-bilidade
traficante	<i>trafíca</i>	-ante
salafrário	<i>saláfra</i>	-rio

Adicionalmente, os truncamentos com sílabas finais terminadas em codas possíveis (R, S, L, N) sofrem apagamento da coda final<sup>10</sup>, como em *retardado* → *rêta*, ou *pervertida* → *pérva*<sup>11</sup>. A análise mostra que a tendência geral do truncamento é formar uma palavra dissilábica com a sílaba final aberta<sup>12</sup>, bem como a manutenção de estruturas prosódicas alinhadas à direita na palavra-base. Porém, outros fatores, sobretudo a fidelidade à base, conspira contra essa tendência. Portanto, uma estrutura menos não-marcada se debate com a necessidade de fidelidade ao input. Essas circunstâncias fornecem argumentos para o ordenamento de restrições como defende a Teoria da Otimalidade clássica (Prince e Smolensky 1993, McCarthy e Prince 1993, 1995, entre outros)<sup>13</sup>. A diferença dialetal manifestar-se-á na variedade do ordenamento das restrições. Dessa forma, a explicação para a variedade de truncamentos em palavras como *exposição* estaria diretamente relacionada à restrição prosódica do acento secundário, a depender da

<sup>10</sup> Não discutirei a posição de coda no PB. Utilizo as representações com capitais maiúsculas, os chamados arquifonemas à la Mattoso Câmara.

<sup>11</sup> O truncamento da palavra aniversário é *níver* (Alves 1990). É difícil provar que se trata de uma formação de truncamento influenciada pela ortografia portanto fugindo às regras das formações orais. No entanto, é um caso em que a coda final não é eliminada. Deixarei exceções como essa para um desenvolvimento futuro.

<sup>12</sup> O termo tendência é utilizado nesse texto dentro do arcabouço da teoria da Otimalidade (cf. Prince e Smolensky 1999 et seq.). Na Teoria da Otimalidade, as tendências são formalizadas como restrições. Daí, a necessidade da distinção entre tendência e restrição verdadeira. A primeira ocorre quando a restrição é ordenada abaixo de outra. A última ocorre quando a restrição é dominante (em relação a todas as outras restrições). Localmente, a tendência mostra a propensão de um dado ordenamento (mesmo que seja desconhecido) a selecionar determinado padrão. Isso é numericamente relevante, uma vez que "a maioria" dos dados se comporta mediante essa propensão. Dessa forma, dados discordantes estão além do escopo da tendência e, certamente, sob a influência de uma restrição verdadeira.

<sup>13</sup> Araújo 1999 apresenta uma análise do truncamento no arcabouço da Teoria da Otimalidade.

permissividade do dialeto<sup>14</sup>. O PE, no entanto, possui um sistema prosódico diferente do PB, o que impede que as observações sobre o dialeto brasileiro sejam estendidas ao PE. A análise apresentada aqui pretende ainda contribuir de uma maneira geral para nosso entendimento das diferenças rítmicas entre o PE e o PB, mostrando que o fato da variante brasileira possuir um sistema de acento secundário diferente do Português Europeu (cf. Abaurre, Galves e Sândalo 1999) é relevante para a gramática da variante brasileira como um todo.

Os processos de reduplicação podem ser parciais (quando parte da palavra é reduplicada) ou totais (quando toda a palavra é reduplicada). A reduplicação é um processo morfológico considerando que se trata de um tipo de afixação, pois a parte reduplicante deve ser linearmente ligada preposta (i.é, um prefixo) ou posposta (i.é, um sufixo) à palavra-matriz. Para Marantz (1982:456), a reduplicação total ocorre quando o morfema reduplicativo toma todos os elementos emprestados à raiz, incluindo a estrutura silábica e melódica. A afixação normal, por sua vez, por já possuir o esqueleto CV e a melodia fonêmica, nada toma emprestado à raiz. Isso esclarece a razão pela qual o reduplicante deve ser estruturalmente vazio. Além disso, a reduplicação funciona como um conteúdo morfológico. Do ponto de vista fonológico, o reduplicante não possui especificação segmental, pois sua especificação é copiada da palavra-base (Wilbur 1974). O reduplicante não pode possuir especificação segmental porque em cada palavra reduplicada, o elemento reduplicado deve ser necessariamente copiado da base, parcial ou totalmente. Se o elemento reduplicante fosse especificado, todas as palavras reduplicadas deveriam conter um elemento fixo imutável. Portanto, a reduplicação envolve identidade fonológica entre a base e a forma reduplicada. A reduplicação em PB atua como um morfema aspectual de iteratividade, isto é, a palavra reduplicada funciona como uma forma *repetitiva* da base. Iteração (repetição) deve ser distinguida de duração. A iteração sinaliza, portanto, que uma ação é continuamente repetitiva.

Antes de discutir o tema central dessa secção, pretendo estabelecer critérios para a reduplicação em PB e ao mesmo tempo descartar aqueles que não se encaixam na definição que adoto<sup>15</sup>. Em primeiro lugar, todas as palavras-base são formas derivadas de verbos (note que a reduplicação em Mwera também é derivada de verbos). Além disso, as bases devem possuir conteúdo lexical independente, ou seja, formas como *reco-reco* são desconsideradas pelo fato de que *reco* não existe isoladamente, pelo menos com a acepção na palavra reduplicada<sup>16</sup>. Se, isoladamente, palavras como *reco*, *trim* etc. não exis-

<sup>14</sup> Seung Hwa-Lee (comunicação pessoal) acredita que haja variação de acento secundário em todos dialetos do PB, não sendo portanto variável em cada dialeto. Para ele, o que pode prevalecer é a regra prioritária, a depender do dialeto: pé degenerado ('felicidade) ou acento secundário normal (fe'licidade). Dessa forma, a variação dialetal tornar-se-ia relevante.

<sup>15</sup> Este trabalho foi escrito na mesma época em Hildo Honório do Couto publicou seu artigo "A Reduplicação em Português", embora nossas abordagens sejam distintas. Encorajo o leitor a ler o texto de Couto. Lá encontra-se uma coleção de processos de reduplicação. Embora nossas abordagens sejam distintas.

<sup>16</sup> No Brasil, em alguns registros, *reco* pode ser usado como gíria para soldado.

tem<sup>17</sup>, é desnecessário, portanto, acreditar que se trata de um processo reduplicativo, posto que elas só ocorrem na forma reduplicada. Ao mesmo tempo, formas reduplicadas com verbos semânticos opostos (vai-volta, leva-e-traz etc.) não são consideradas exemplos de reduplicação, pois nenhum elemento estrutural foi efetivamente dobrado. Da mesma forma, expressões idiomáticas como *és-não-és*, *vai-não-vai* ou *sai-não-sai* também estão excluídas. A exclusão se deve ao fato de que ambas pseudo-reduplicações não se estruturam no modelo geral de reduplicação  $[123]_x \rightarrow [123123]_y$ . A palavra reduplicada deve, também, formar um novo item lexical. Couto (1999) contém uma lista variada de processos ou pseudo-processos de reduplicação no Português do Brasil, incluindo recursos estilísticos como reduplicação poética. Embora Couto considere um sem-fim de processos, limitar-me-ei somente aos processos sincrônicos VERBO<sub>x</sub>-VERBO<sub>x</sub><sup>18</sup>. Meu objetivo, portanto, é tratar da reduplicação como processo morfológico comum. Isso supõe que a reduplicação deve ser vista como um mecanismo de formação de palavras produtivo e que morfológicamente *funcional*. As reduplicações como corre-corre, pega-pega, mata-mata, pula-pula, pisca-pisca, gira-gira, rola-rola, quebra-quebra, etc. são dicionarizadas como *brasileirismos*. Essa observação é pertinente, posto que esse fenômeno lingüístico é exclusivo do PB, sendo completamente ausente no Português Europeu.

As semelhanças estruturais desses dados são notáveis. Como foi destacado anteriormente, todos os exemplos são de reduplicação total. Não ocorre nenhuma modificação estrutural (queda de consoante, metástese, etc) na palavra reduplicada em relação à base. A forma de base é a terceira pessoa do singular de um radical verbal dissilábico. O fato de a base ser a terceira pessoa do singular do modo indicativo pode estar associado às características menos marcadas (como será mostrado adiante) dessas formas. A primeira questão deve tratar do fato da reduplicação ser total. Posto que as opções fonotáticas da língua governam, de uma maneira geral, o leque de opções na reduplicação, os elementos reduplicados formam, estruturalmente, um subconjunto das opções fonotáticas da língua. A preferência por um subconjunto contendo sílabas abertas (com acento na penúltima) dão suporte às hipóteses que defendem que a estrutura silábica menos marcada, em PB, é consoante-vogal (cf. a análise de Collischon (1996) sobre epêntese).

Outra tendência é a base reduplicada possuir um pé dissilábico com acento na penúltima sílaba. Vários autores (Bisol 1992, Lee 1995, Colischonn 1996, Wetzels 1995, etc.) mencionam que o pé dissilábico é canônico em Português. Essa suposição está, por exemplo, presente em quase todas as análises do acento primário em PB (Lee 1995, Wetzels 1995, etc). Como já foi mostrado, o processo de truncamento também segue essa tendência (cf. seção 2 acima e Araújo 1999). Estrutura silábica menos marcada é uma tendência na reduplicação. Além disso, o processo ocorre somente quando formas verbais dissilábicas, cuja terceira pessoa do singular termine em vogal. A presença de um elemento na coda, no caso, uma nasalização, impede o engatilhamento da reduplicação.

<sup>17</sup> A partir desses critérios, formas onomatopaicas como *tico-tico*, *oba-oba*, *teco-teco* são descartadas como reduplicações.

<sup>18</sup> Reduplicação com dois verbos distintos, como por exemplo, *vai-vem* serão desconsiderados aqui.



Dessa forma, verbo como *reter*, cuja forma de terceira pessoa do singular é *retém*, não se reduplica<sup>19</sup>. A maioria absoluta (cerca de 90%) dos dados é composta por radicais dissilábicos<sup>20</sup>. Embora, originárias de verbos dissilábicos, as formas *cai-cai* (ca.ir), *rói-rói* (ro.er), e *põe-põe* (verbo monossilábico) e as bases trissilábicas *agarra-agarra*, *empurra-empurra* e *esconde-esconde* fogem à generalização<sup>21</sup>. A mudança de classe (de verbo para substantivo) é propriedade morfológica mesma da reduplicação em PB (bem como do truncamento). Isso implica que, por ser um substantivo, a forma gerada deve ser suscetível às regras que comumente se aplicam à classe de substantivos. Dessa forma, palavras geradas a partir de truncamentos devem se mostrar transparentes às regras gerais da morfologia do PB, no caso, aplicação de diminutivo e pluralização<sup>22</sup>, como por exemplo *Vamos começar bebendo um refrizinho bem gelado* ou *Duas cervas podem refrescar a discussão*.

Embora dicionários registrem as formas do plural para as palavras reduplicadas, meu julgamento de falante nativo não aceita como *completamente* gramaticais frases do tipo *O campeonato chegou na fase dos mata-matas*.

Marantz (1982), tratando de problema de natureza semelhante, a saber a sub- e a super-aplicação de regras fonológicas a palavras reduplicadas, defende que considerando os componentes lexicais e fonológicos da Gramática da língua como distintos (e é isso que a Fonologia Gerativa faz), nota-se que não existe problema de aplicação de regras uma vez que o ordenamento de regras pode tornar as palavras reduplicadas opacas ou transparentes às regras, a depender do *ciclo* em que elas são geradas. Isso implica que, para a Morfologia do PB, na visão de uma Fonologia Lexical, as regras de reduplicação são tardias, aplicando-se após regras morfofonêmicas<sup>23</sup>. Para a Teoria da Otimalidade, a solução também implica postular que uma Restrição Bloqueadora X domine Restrições Engatilhadoras e de Fidelidade. No entanto, basicamente, os modelos derivacionais e paralelos enfrentam o mesmo problema. O que o primeiro chama de regra pós-lexical, o segundo chamará de relação de correspondência output-output.

<sup>19</sup> De um corpus de 30 mil palavras (citar Leo Couto), cerca de 750 são verbos dissilábicos. Desses, cerca de sete possuem elemento em coda na terceira pessoa do singular (cf. *ele/ela abstém, detém, contém, mantém, obtém, retém, sustém*) e são irreduplicáveis. Potencialmente, os verbos restantes são reduplicáveis, inclusive verbos impessoais como *chover, nevar*, etc.

<sup>20</sup> Conforme Apêndice.

<sup>21</sup> As bases dos exemplos *cai-cai* e *rói-rói* não podem ser dissilábicas. A vogal ortográfica *i* representa, nesses exemplos, parte de um ditongo. Há, na língua, bases dissilábicas como [ka.'i] e [ro.'i] que não se reduplicam. Talvez por não serem formas da 3ª pessoa do singular do modo indicativo, estando, portanto, fora do escopo da reduplicação. No entanto, a existência da reduplicação monossilábica e trissilábica permanecem como um problema marginal para minha análise.

<sup>22</sup> O Dicionário Aurélio registra a possibilidade de pluralização em nomes reduplicados, com por exemplo *pega-pega*: *pega-pega* ou *pegas-pegas*. No entanto, todos os informantes consultados, inclusive eu, estranham essas pluralizações.

<sup>23</sup> Seung Hwa-Lee argumenta que se levar em conta que a forma do verbo na reduplicação é radical (portanto não a forma flexionada, 3ª pessoa singular), a fonologia lexical explica a reduplicação como simples composição, sendo portanto regra lexical.

As diferenças na gênese lexical entre as variantes Brasileira e Européia do Português permanecem como uma questão em aberto. Nesse sentido, trabalhos comparando as duas variantes são fundamentais. Rio-Torto (cf. 1998) tem tratado dos processos morfológicos no Português Europeu, com descrições detalhadas da maioria (ou talvez todos) dos processos, mencionando também processos minoritários. As descrições de Rio-Torto chamam atenção para o fato de que uma série de processos de formação de palavras, praticamente ausentes no PE, são comuns no PB. Como por exemplo a formação *portmanteau* (blending, o qual ela denomina ‘cruzamento ou intersecção supressiva de segmentos mediais’) cuja ‘(...) disponibilidade e produtividade (...) não tem paralelo no português europeu’ (1998:21), a reduplicação e truncamento, entre outros.

Sobre a reduplicação, Rio-Torto não menciona explicitamente a situação no Português Brasileiro, porém mostra (1998:17) que no Português Europeu “[a reduplicação] manifesta-se fundamentalmente em registos expressivos, na linguagem infantil (*dóidói, pópó, papá, pépé, tau-tau*), na linguagem familiar (*titi, vóvó*), e em vocábulos onomatopáicos (*miau-miau, piu-piu*). Alguns produtos formados por este processo encontram-se já lexicalizados (*bombom*), ou em vias disso”.

Os processos de truncamento, por sua vez, são rapidamente examinados por Rio-Torto, embora a autora não se aprofunde na questão. As observações de Rio-Torto são, em geral, as mesmas de Sandmann (1991), Alves (1990) e Basílio (1991): há redução da extensão da palavra, não há alteração semântica. A autora também menciona que (1998:21) “[A] abreviação tende a sofrer um impulso crescente.” A afirmação parece ser um espelho de Sandmann (1991) a *abreviação* é “parte da vida moderna”. A base da análise de Rio-Torto é a confirmação de que “no português europeu os processos mais produtivos de formação de palavras são a afixação – por *sufixação*, por *prefixação* e por *circunfixação* – e a composição” (1998:23). Isso também se aplica ao Português Brasileiro, uma vez que os processos de composição e afixação são os mais comuns.

\* \*

A questão a ser respondida é por que o PB faz uso de um elenco de outros processos, enquanto o PE não o faz? Comparando-se o Português Europeu ao Brasileiro, pode-se inferir que a variedade européia faz uso de um subconjunto das possibilidades de formação de palavras da variante ultramarina. Isso quer dizer que ambas dispõem de um conjunto nuclear de regras de formação de palavras, enquanto o PB lança mão de recursos ausentes na Gramática do PE.

Couto (2000) descreve os processos de reduplicação nos crioulos de base portuguesa (CBP) e também inclui o Português Brasileiro ‘uma vez que o português brasileiro tem sempre sido mencionado no contexto da crioulação do português no ultramar’ (Couto 2000:13). Couto nota que a reduplicação, via de regra, é um processo produtivo e amplamente atestado nos crioulos de base portuguesa. Couto, no entanto, não atribui a gênese da reduplicação nos CBP apenas aos seus substratos (Couto 2000:15), mas defende que, a reduplicação e os processos composicionais, como um todo, são os primeiros a

surgir, por serem menos marcados. Se por um lado, a reduplicação no PB pode, especulativamente, estar associada à sua gênese, por outro lado, sabe-se pouco sobre a morfologia das línguas que o influenciaram. Essas influências, por hipótese, teriam alterado o padrão das regras morfológicas do PE na colônia. No entanto, evidências para essa hipótese são raras. Além disso, a hipótese como um todo é enfraquecida pelo (des)conhecimento sobre quais línguas supostamente formaram os substratos e os adstratos para a formação de um crioulo no Brasil. Por outro lado, a variedade e a extinção de centenas de línguas indígenas brasileiras, bem como o mosaico lingüístico africano montado pelos senhores de escravos encombrem a busca pelos elementos formadores do crioulo brasileiro de base portuguesa. Portanto, seria necessário um estudo dos substratos e adstratos para testar essa hipótese. Uma segunda hipótese, amplamente defendida é o conservadorismo da variante do Português no Brasil, ou seja, a variante trazida manteve-se conservadora enquanto o Português Europeu manteve seu percurso evolutivo. Particularmente, em se tratando dos processos aqui discutidos, torna-se difícil a tarefa de encontrar vestígios históricos uma vez que esses processos, por serem marginais, não foram propriamente documentados, devido a própria história da documentação em Portugal e na Colônia, restrita aos registros cartoriais e literários. Portanto, essa análise não fornece subsídios a nenhuma das hipóteses acima.

Como foi mostrado, tanto o processo de truncamento como o de reduplicação, tendem a preferir formas dissilábicas com sílabas finais abertas. Nos truncamentos, codas não permitidas provocam epêntese (11), enquanto codas finais permitidas sofrem síncope. Nos truncamentos, codas em sílabas são evitadas com duas estratégias. A primeira é a síncope da coda final (maioria dos exemplos). No entanto, quando a síncope provoca perda de recuperabilidade do próprio item lexical, ocorre manutenção da coda através da ressilabificação e epêntese. Em ambos os casos, há o banimento de sílaba final com coda. Na reduplicação, verbos como *abster*, *manter* etc. não são reduplicados pois provocariam duas codas finais (como em \**abstém-abstém*). Nesse cenário, a idéia de McCarthy e Prince (1994) sobre a *emergência do não-marcado* representa papel fundamental. A idéia da emergência do não-marcado baseia-se na tendência para a superficialização das estruturas menos marcadas da língua, no caso do Português Brasileiro, sílabas finais abertas e pés binários, em determinados contextos. Entretanto, trata-se de uma tendência. Outras restrições podem dominar as não-marcadas, forçando a ocorrência de estruturas marcadas. O Português, por exemplo, não bane sílabas finais com codas (embora, os elementos que possam ocorrer nessa posição sejam limitados). Contudo, vários processos, incluindo o truncamento e a reduplicação, eliminam codas finais. Na reduplicação e no truncamento, pés binários silábicos são preferidos, embora alguns fatores forcem o aparecimento de estruturas com uma ou três sílabas. Novamente, conclui-se que o aparecimento de estruturas marcadas é forçado por outras restrições. McCarthy e Prince (1994:28) argumentam que “[w]ithin Optimality Theory, even dominated constraints may be visibly active, under appropriate circumstances. This property, which we have dubbed *emergence of the unmarked*, is fundamental to OT, since it follows from the essential notions of constraint ranking and violation under domination (Prince e Smo-

lesnky 1993). It sharply differentiates OT from approaches to linguistic structure and interlinguistic variation based on parameters, rulers, or other devices that see linguistic principles in globally all-or-nothing terms.”

Esse texto pretendeu definir os processos de truncamento e de reduplicação no Português Brasileiro. A falta de uma circunscrição precisa desses fenômenos tem sido responsável pelos equívocos no seu tratamento. Em seguida, destaquei as tendências dos dois processos mostrando seus pontos de intersecção. O valor da análise apresentada reside no fato de destacar que as semelhanças entre os dois processos decorrem da tendência de o Português Brasileiro preferir estruturas menos-marcadas.

## Bibliografia

- Abaurre, Bernadete, et al. 1997. Reflexões sobre a interface sintaxe-fonologia. *Anais do Seminário GEL*, 127-134. Campinas: IEL.
- Alves, Ieda. 1990. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.
- Araújo, Gabriel Antunes. 1999. *Truncamento no Português do Brasil*. Colóquio Acento no Português. IEL-Unicamp.
- Araújo, Gabriel Antunes. 2001. *Morfologia não-concatenativa em Português: os portman-teaux*. Cadernos de Estudos Lingüísticos 39 (no prelo).
- Bisol, Leda. 1992. *O Acento: Duas Alternativas de Análise*. ms. UFRGS/PUCRS.
- Bisol, Leda. 1994. O acento e o pé métrico binário. *Letras de Hoje* 98, 25-36.
- Cagliari, Luiz, e Gladis Massini-Cagliari. 1998. Quantidade e Duração Silábicas em Português do Brasil. *DELTA* 14 (nº especial), 47-59.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Colina, Sônia. 1996. Spanish truncation process: the emergence of the unmarked. *Linguistics* 34, 1199-1218.
- Collischon, Gisela. 1996. Acento secundário em português. *Letras de Hoje* 29(4), 43-53.
- Collischon, Gisela. 1999. *Acento e epêntese numa abordagem pela OT*. UFRGS: inédito.
- Couto, Hildo Honório do. 1999. A Reduplicação em Português. *Lusorama* 40, 29-40.
- Couto, Hildo Honório do. 2000. A Reduplicação nos Crioulos Portugueses. In: d'Andrade, Ernesto, Maria A. Mota e Dulce Pereira (orgs.) 2000. *Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística, p.61-80.
- Cunha, Celso. 1990. *Gramática da Língua Portuguesa*. FAE/MEC: Rio de Janeiro. (12ª ed.)
- Ferreira, Aurélio. 2000. *Dicionário Aurélio 2000*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kager, Rene. 1999. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kenstowicz, Michael. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.
- Lee, Seung-Hwa. 1995. *Fonologia Lexical do Português*. Doutorado, IEL-Campinas.
- Marantz, Alec. 1982. Re reduplication. *Linguistic Inquiry* 13(3), 435-482.
- Monteiro, José. 1991. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes.
- Prince, Alan, e Paul Smolensky. 1993. *Optimality Theory*.
- McCarthy, John, e Alan Prince. 1993. Generalized Alignment. *Yearbook of Morphology*, 79-153.
- McCarthy, John, e Alan Prince. 1994. 'The Emergence of Unmarked'. In *Proceedings of NELS 24*: 333-79, Amherst: University of Massachusetts.

- McCarthy, John, e Alan Prince. 1995. Prosodic Morphology. In Goldsmith, John. 1995. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell.
- Prince, Alan e Paul Smolensky. 1993. *Optimality Theory*. [no prelo] MIT Press.
- Rio-Torto, Graça. 1998. Mecanismos de Produção Lexical no Português Europeu. *Alfa* (nº especial) 42,15-32.
- Sandalo, Filomena, Bernadete Abaurre e Charlotte Galves. 1999. *Otimizando o ritmo em Português*. IEL-Unicamp, inédito.
- Sandmann, Antônio. 1991. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto.
- Vigário, Marina. 2000. "Palavra Prosódica e Composição no Português Europeu". In *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol II: 583-602. Braga: APL.
- Wetzeis, Leo. 1995. Mid-vowels Alternations in the Brazilian Portuguese. *Phonology* 12, 281-304.
- Wilbur, Ronnie. 1974. *The Phonology of Reduplication*. Tese de Doutorado. University of Illinois. Distribuída por Indiana University Linguistic Club: Bloomington.